

1 Introdução

Em um aspecto contemporâneo, o conceito de empreendedorismo segue próximo ao de a capacidade que uma pessoa tem para identificar problemas e oportunidades, assumindo um comportamento proativo diante de questões que precisam serem resolvidas, desenvolvendo soluções e investindo recursos na criação de algo positivo para a sociedade, tanto através de um negócio, um projeto ou qualquer movimento que gere mudanças reais e impacto no cotidiano das pessoas (ASCHER, 2012; BUENO, 2019; FRANCISCO BAGGIO; KNEBEL BAGGIO, 2014; VALENCIANO SENTANIN; BARBOZA, 2005).

O ato de empreender está ligado a um comportamento que favorece a interferência criativa e realizadora no meio, na busca de um crescimento pessoal e coletivo. Isso ocorre através do desenvolvimento da capacidade intelectual para investigar e solucionar problemas, tomar decisões, ter iniciativa e orientação inovadora, competências essas, cada vez mais exigidas na formação profissional e valorizadas no mundo do trabalho (LIBERATO, 2007).

O empreendedorismo é considerado como um elemento imprescindível para que ocorra progresso econômico pois se relaciona com a inovação, no intuito de trazer descobertas positivas, estimulando a geração de riqueza através de novos negócios que impactam o desenvolvimento dos países (CUERVO et al., 2007; CUNHA; SILVA; YAMAGUCHI, 2011; FRANCISCO BAGGIO; KNEBEL BAGGIO, 2014; RUSU et al., 2012). Ascher (2012) afirma que, através do empreendedorismo, se consegue materializar o conhecimento em bens e serviços que impactem o cotidiano das pessoas de forma benéfica.

Métodos de transmitir a sensibilização para o empreendedorismo têm sido amplamente discutidos, sobretudo, métodos relativos à educação empreendedora, que é reforçada por Bakar et al. (2014) como uma ferramenta fundamental, principalmente quando utilizada para educar as pessoas com as habilidades e conhecimentos necessários para que sejam capazes de aproveitar as oportunidades que se apresentam. Turchiello, Oliveira e Dalongaro (2019) iteram que a educação empreendedora tem despertado o interesse das instituições de ensino assim como do meio empresarial, pois é considerada uma iniciativa essencial para trazer desenvolvimento econômico e social.

Bakar et. al. (2014, p. 92, tradução nossa) afirmam que “ao contrário dos estudos tradicionais de gestão, a educação para o empreendedorismo requer uma direção de ensino diferente”. Para Rocha e Freitas (2014, p. 468) “estudiosos da educação empreendedora têm defendido uma linha pedagógica mais voltada para a prática como mais apropriada para o Ensino de Empreendedorismo”. Assim, projetos como programas de pré-incubação desenvolvidos em incubadoras de instituições de ensino apresentam-se como possível ferramenta educacional voltada para essa área. Embora a capacitação do empreendedor seja um requisito para o sucesso do empreendimento, não deve ser considerado o único, visto que ambientes com características capazes de estimular o empreendedorismo são importantes para difundir a cultura de inovação e impulsionar a capacitação dos atores. (VICTER et al., 2005 apud FERREIRA; TEIXEIRA, 2018)

Nesse contexto destaca-se o desempenho das incubadoras de empresas, visto que:

[...] o aprendizado prático do empreendedorismo adquirido no dia-a-dia da incubadora é bastante valorizado pelos estudantes, sendo essa aprendizagem fortemente baseada na troca de experiências e informações entre estudantes e empresas incubadas, encorajada pela flexibilidade, diversidade e autonomia no trabalho. (FIALA; ANDREASSI, 2013, p.1)

Fiala e Andreassi (2013) reforçam precisamente que, ao passo que a educação empreendedora deve proporcionar um aprendizado mais efetivo e prático, as incubadoras são um ambiente potencial que ainda tem sido pouco explorado para este fim, Portanto estudar os resultados, visando avaliar o impacto exercido nos discentes, é relevante, sobretudo para gerar conhecimento sobre as metodologias desses ambientes.

Neste contexto, este estudo busca mensurar a sensibilização pela área do empreendedorismo, em equipes de discentes participantes de um programa de pré-incubação, desenvolvido através do Núcleo Criativa da Ativa Incubadora de Empresas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso (IFMT), no *campus* de Rondonópolis. Para tal fim, propõe mensurar o impacto da metodologia de uma abordagem prática, na intenção empreendedora, nas competências e habilidades técnicas e em suas percepções de abertura de um empreendimento, trazendo como contribuição acadêmica evidências a respeito da atuação desse tipo de abordagem como ferramenta de educação empreendedora e sua influência no perfil dos discentes.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Educação Empreendedora

Sabendo que a influência do empreendedorismo vai além do que se refere a simples abertura de novos empreendimentos, abraçando o conceito de se pensar em soluções e assumindo papéis no desenvolvimento social e econômico, temos a educação empreendedora como intrinsecamente ligada a esse processo. Ribeiro, Oliveira e Araújo (2014, p. 1) afirmam que “A disseminação do espírito empreendedor tem impacto direto na geração de emprego, na renda e no desenvolvimento econômico”. Concluem que a partir desta perspectiva a educação empreendedora propaga-se pela sociedade.

Dessa forma, pode-se considerar a educação empreendedora como uma forma de impulsionar o desenvolvimento de potencialidades econômicas, sendo uma área que tem, sobretudo, despertado o interesse de pesquisadores nacionais e internacionais (SILVA; PENA, 2017), também por sua importância no mercado de trabalho, principalmente considerando a evolução constante desse mercado afetado pela globalização.

Henrique e Cunha (2008, p. 116) destacam a importância do perfil empreendedor nos profissionais da atualidade ao iterarem que a inserção da educação empreendedora no ensino formal: “acarretaria em lançar no mercado não mais simples administradores prontos para gerenciar grandes corporações, e sim pessoas arquitetadas de conhecimentos”. Assim, continuam, estariam aptos para abrir um negócio ou um empreendimento e ainda “buscar inovações dentro das empresas em que trabalham, atuando como intra-empreendedores e contribuindo para a contínua inserção e sobrevivência das organizações dentro de ambientes cada dia mais complexos”.

A educação empreendedora é uma forma de garantir que a preparação profissional dos acadêmicos seja suficiente, tanto para atuarem como agentes de mudança no mercado de trabalho como para desenvolver maturidade para estabelecer seus próprios empreendimentos, pois estariam mais propensos a serem protagonistas na execução de suas ideias. O conhecimento traria mitigação de eventuais incertezas, contribuindo de forma positiva para o sucesso do novo negócio (SAES E PITA, 2007).

Essa formação que agrega competências do empreendedorismo traz, sobretudo, um maior diálogo entre as instituições de ensino e as próprias empresas, proporcionando uma interação que garanta um fluxo de conhecimento contínuo, ao passo que o conhecimento gerado

nas instituições de ensino agora pode ser aplicado na sociedade. Saes e Pita (2007, p. 34) destacam a importância dessa interação:

Devido à necessidade de uma mudança de conceitos e metodologias de ensino, a preparação dos profissionais do futuro e as rápidas transformações na sociedade têm sido temas discutidos no meio acadêmico. A maioria das instituições de ensino não prepara os acadêmicos para serem empreendedores e enfrentar o mundo dos negócios. Em consequência disso, parece existir uma lacuna entre instituições e empresas. **O ideal seria uma sintonia fina entre ambas as partes, de forma a preparar os futuros profissionais, não somente na teoria, mas, principalmente, na prática, para que possam constituir empresas que desenvolvam produtos e serviços, e contribuam para o crescimento da economia** (grifo nosso).

Compreende-se assim que a educação empreendedora acarreta positivamente variáveis ligadas tanto direta quanto indiretamente ao público em questão, que são os discentes. Necessário, portanto, uma análise dos métodos educacionais, tendo em vista que é nas instituições de ensino que as pessoas, geralmente, são preparadas para carreiras profissionais.

Ao investigar as características e os métodos de ensino adequados ao processo de formação de empreendedores fica evidente o consenso da literatura sobre a inevitabilidade de aulas que estimulem maior criatividade, inovação, habilidades e técnicas empreendedoras nos estudantes, por meio de métodos focados nas experiências práticas durante a aprendizagem (SILVA; PENA, 2017).

Esse enfoque em abordagens práticas de ensino é importante ao ponto que, conforme destacado no estudo de Yussof, Zainol e Ibrahim (2015, p. 25) que analisou dados relativos a práticas de educação empreendedora em todas as instituições de ensino superior na Malásia, abordagens teóricas trazem menos efeitos em se tratando de despertar a intenção empreendedora aos discentes:

[...] a metodologia usada na educação para o empreendedorismo deve se concentrar nas atitudes do empreendedor e no desenvolvimento de atributos, que foram identificados anteriormente, como locus interno de controle, otimismo, comprometimento e confiança, habilidades de resolução de problemas e propensão a assumir riscos, entre outros. Os métodos atuais que adotam o ensino tradicional, como por meio de uma estrutura teórica e orientada para o exame, são menos práticos nos esforços para atrair os alunos a se aventurarem nos negócios após sua formação. (tradução nossa)

Dessa forma, torna-se imprescindível pensar em práticas e metodologias de ensino que consigam transmitir e desenvolver de maneira mais eficaz as competências empreendedoras nos discentes envolvidos. Essa forma de desenvolver a educação empreendedora precisa ser uma formação que contemple a adequação dos conteúdos e práticas didático-pedagógicas mais apropriadas para atingir seus objetivos, não utilizando apenas métodos comuns de transmissão de conhecimentos do ensino tradicional (HENRIQUE; CUNHA, 2008).

As abordagens práticas se diferenciam do ensino tradicional ao ponto em que abarcam a finalidade da educação empreendedora de “preparar empreendedores com conhecimentos, habilidades e competências para enfrentarem os desafios de criação, condução e expansão de negócios. Para o desenvolvimento efetivo de tais habilidades é necessário ensinar de modo diferente da educação tradicional.” (SILVA; PENA, 2017, p. 391).

Assim, uma das formas de abordagem que pode ser utilizada como metodologia que desenvolva a educação empreendedora é precisamente propor uma didática prática da estruturação de empreendimentos, para que os discentes sejam capazes de compreender em sua totalidade toda a dinâmica de criação e estruturação de um modelo de negócios. Henrique e Cunha (2008) destacam a assertividade dessa didática interagir com a proposta de uma metodologia de ensino, ao ponto de que, mesmo que seja uma abordagem prática, os alunos estão inseridos em um contexto que essa prática precisa ser guiada utilizando, além de planos de negócio, simulações de negócios, jogos empresariais, visitas a empresas e empreendedores, entre outros. Além disso é fundamental a atuação do professor como facilitador do processo.

Assim, conhecendo a importância do empreendedorismo e da formação empreendedora em discentes tem-se a necessidade de as instituições de ensino focarem seus esforços em metodologias mais apropriadas para a efetividade do desenvolvimento dessa área em sua comunidade, certos de que o impacto será tanto numa formação mais completa dos discentes, quando no desenvolvimento social e econômico do contexto em que estão inseridas.

2.2 Incubadoras

Vários governos têm incentivado o desenvolvimento de incubadoras de empresas como estratégia para maior fomento da inovação. (DE PAULA et al., 2015), isto, considerando não apenas seu papel fundamental na formação de novos negócios como também no próprio aprimoramento de empresas e produtos, e aperfeiçoamento dos empreendedores através de consultorias e capacitações (NOBRE et. al, 2016).

Segundo Makukendi et al. (2019), em um aspecto geral, uma incubadora de empresas pode ser considerada como um espaço flexível e incentivador no qual proporciona-se um conjunto de facilidades para a criação e crescimento de novos negócios, conceito que entra com consonância com o afirmado por Zaluski (2014) quando reforça o papel desses ambientes como o estímulo a criação de empreendimentos ao ajudar o empreendedor, tanto no desenvolvimento do negócio, quanto no processo de criação e produção de um novo produto.

Dentre os motivos que baseiam a relevância das incubadoras, destaca-se o fato de se constituírem como uma alternativa para inibir o alto índice de falência de empresas recém-constituídas, por meio de suporte gerencial e tecnológico a essas organizações (SOUSA; OLIVEIRA, 2012) e assim fundamentam sua vocação de ajudar empreendimentos a sobreviverem e crescerem durante sua fase inicial. Iacono e Nagano (2017, p. 1) afirmam que “as taxas de mortalidade de empresas iniciantes de base tecnológica que passaram por um processo de incubação são muito baixas, o que mostra a importância e o resultado positivo desse mecanismo de apoio às empresas”. Consideram ainda que a incubação visa compensar os déficits de recursos no início dos empreendimentos buscando garantir a sua estabilidade empresarial, a sobrevivência do negócio em longo prazo e um crescimento sustentável.

Esses resultados podem ser decorrentes de apoio que esses ambientes oferecem, em diversos âmbitos, por meio de infraestrutura, capacitação, suporte técnico e gerencial e até mesmo consultorias, principalmente durante as fases iniciais do negócio (ARAUJO, 2013).

Considerando os aspectos do ecossistema empreendedor, têm-se a importância de não apenas considerar investir em incubadoras, mas também em políticas de educação para criar ambientes mais receptivos que promovam a inovação no empreendedorismo (AKÇOMAK, 2009). Ressalte-se a importância das incubadoras vinculadas a instituições de ensino, pois esses ambientes dispõem de ferramentas pedagógicas que podem ser usadas para garantir assertividade em uma metodologia voltada para a educação empreendedora.

Isso é reiterado por Martins et al. (2006, p. 1) quando destaca que:

São incubadoras que abrigam empreendimentos para as quais o conhecimento é o principal insumo e que comercializam produtos com alto valor agregado. Este tipo de incubadora, preferencialmente, localiza-se próxima a universidades ou centros de pesquisa. Assim, podem aproveitar a mão-de-obra altamente especializada e, de maneira oportuna, podem despertar o espírito empreendedor nos alunos e pesquisadores dessas entidades.

Destaca-se ainda o potencial de instituições de ensino e sua interação com o empreendedorismo, do ponto de vista das empresas. Tal interação pode contribuir positivamente para um melhor desempenho competitivo através da crescente capacidade de suas atividades inovadoras (VEDOVELLO, 2001), visto que o “processo de incubação confere às empresas condições favoráveis para detectar tendências, incorporar novidades e acompanhar as mudanças de mercado, principalmente atuando como interface entre o setor acadêmico e produtivo” (MARTINS et al., 2006, p. 2).

O argumento implícito dessa análise é o de que ambientes que são geradores e repositórios de conhecimento científico e tecnológico e recursos humanos altamente qualificados, podem transferir, através de mecanismos articulados, ao menos parte desse acervo para as empresas (VEDOVELLO, 2001). Nesse contexto, Furtado (2017) traz que as instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica atuam na oferta desses espaços, não apenas com o objetivo de fortalecer a produtividade local, como também colaborar para a prática do ensino, da pesquisa e da extensão.

O estudo de Fiala e Andreassi (2013) revela que, dentre os motivos para a educação empreendedora ser intensificada dentro de uma incubadora, estão as situações novas que aparecem constantemente no cotidiano dos que estão inseridos nesse ambiente e com as quais eles precisam lidar, além da aplicação do conhecimento adquirido nos estudos que trazem um aprendizado constante. Ainda, segundo os autores, outro ponto destacado na aprendizagem daqueles que foram objetos da pesquisa refere-se ao que advém do contato com as empresas e pessoas, por meio da troca de informações e experiências. Não obstante, em seus resultados trazem que por vezes os discentes demonstraram haver uma superioridade no aprendizado ocorrido na incubadora, em relação ao que se limita apenas a sala de aula.

Dessa forma, compreende-se que as incubadoras de empresas, principalmente aquelas vinculadas ao contexto acadêmico, podem atuar, não somente como uma forma de estruturar novos empreendimentos, como também sendo instrumento metodológico educacional.

2.3 Pré-incubação e a Ativa Incubadora de Empresas do IFMT

Alguns estudos têm mostrado que programas de incubadoras são positivamente relacionados com a intenção empreendedora dos estudantes (ZREEN et al., 2019), suscitando a relevância de avaliar esse fenômeno no contexto da pré-incubação.

Enquadram-se como aptos para pré-incubação os casos em que os empreendedores não só não possuem uma empresa formalizada, como também não estruturam nem mesmo um modelo de negócios. A fase de pré-incubação tem justamente como principal objetivo oferecer o apoio necessário para que os empreendedores transformem suas ideias em uma empresa minimamente estruturada para dar seus primeiros passos (VILLELA; MAGACHO, 2009).

Geralmente, durante a fase de pré-incubação, são oferecidos cursos e consultorias que permitem aos participantes desenvolverem as fases iniciais para a transformação da ideia em uma empresa. Isso é importante porque, mesmo que estudantes e pesquisadores anseiem explorar suas ideias e resultados, através da transformação dos mesmos em negócios, fora do

âmbito acadêmico poucos assumem o risco, em parte, pela falta de conhecimentos e habilidades necessárias para empreender. Portanto, a pré-incubação pode exercer o papel de estimulante do empreendedorismo, através da criação de uma consciência entre os estudantes sobre essa oportunidade (PALLOTTA; CAMPISI, 2018 apud TEIXEIRA; SOUZA; TEIXEIRA, 2019).

A Ativa Incubadora de Empresas do IFMT se define como um programa vinculado à Pró-reitoria de Extensão, criado com o objetivo de promover empreendimentos inovadores oferecendo infraestrutura e suporte, orientando os empreendedores quanto à gestão do negócio e sua competitividade, entre outras questões essenciais ao desenvolvimento do empreendedorismo (IFMT, 2020) e uma de suas principais atuações se refere à pré-incubação, tanto de ideias de equipes compostas por comunidade interna (discentes e servidores) quando por membros da comunidade externa.

A Ativa Incubadora é organizada de forma que cada campus possa ter seu Núcleo da Ativa para atender as demandas de seu município e território. Essa forma de organização descentralizada visa atender com assertividade as especificidades de cada campus, cidade e território. No ano de 2019 por todo o estado nove campi possuíam Núcleo da Ativa habilitados, sendo eles: Cuiabá, Cuiabá - Bela Vista, Cáceres, Campo Novo do Parecis, Rondonópolis, Sorriso, Juína, Barra do Garças e Tangará da serra (ATIVA, 2019)

O programa de pré-incubação analisado refere-se ao executado no ano de 2019 no Núcleo Criativa, núcleo da Ativa Incubadora no campus Rondonópolis, regido pelo Edital Nº 18/2019 que apresentava a seguinte descrição:

Pré-Incubação: Conjunto de atividades de acompanhamento de negócios em estágio inicial, com o objetivo de capacitar o empreendedor a realizar o planejamento do seu próprio negócio e analisar sua viabilidade técnica e econômica, para subsidiar sua decisão de abrir ou não uma empresa. Para este edital a pré-incubação consistirá de capacitações e mentorias de forma que os empreendedores consigam definir claramente o tripé de sustentação do negócio (problema/necessidade, cliente e solução), elaborando modelagem do negócio e o Produto Mínimo Viável/Protótipo ou MVP (Minimum Viable Product), por meio do qual poderá identificar e visualizar o potencial de escalabilidade e reprodução do negócio (IFMT, 2020).

3. Metodologia

Esse estudo se refere a uma pesquisa descritiva à medida que visa obter dados de certa população a fim de estruturar evidências entre a interação das variáveis coletadas e caracterizar seus resultados de forma a expor as implicações dessa interação (GIL, 2002). A pesquisa descritiva é apropriada para esse estudo, pois permite expor as características de uma determinada população ou fenômeno, demandando técnicas padronizadas de coleta de dados (PRODANOV; FREITAS, 2013), que, neste caso, será um questionário.

Enquanto pesquisa descritiva que analisa variáveis, também caracteriza-se como pesquisa quantitativa ao passo que se relacionará com dados estatísticos dos discentes que participaram do programa de pré-incubação, sendo também, quanto ao procedimento, um levantamento (GIL, 2002).

Como instrumento de pesquisa foi utilizado um questionário em maioria com perguntas fechadas, que visava mensurar como estava à sensibilização dos discentes pela área do empreendedorismo, levando em considerações algumas variáveis como a intenção e a confiança em empreender, a vontade de se aprofundar mais na área e o conhecimento técnico de ferramentas do empreendedorismo trabalhadas durante a pré-incubação, sendo que as consideradas por esse estudo para analisar o progresso dos discentes participantes serão:

Modelagem de Negócios (Canvas), Protótipo/MVP e Pitch, que compunham as atividades obrigatórias para as equipes, segundo o edital (IFMT, 2020). Ressaltando-se que algumas questões do questionário relacionadas à intenção empreendedora se basearam no estudo *Development and Cross-Cultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions* (2009) de Francisco Liñán e Yi-Wen Chen.

O objeto desse estudo constituía-se apenas dos participantes da pré-incubação que fossem discentes dos cursos de ensino técnico integrado ao ensino médio ofertados pelo IFMT *campus* Rondonópolis, não considerando membros das equipes pré-incubadas que fossem servidores ou pessoas pertencentes à comunidade externa do *campus*. Este fator foi definido, pois o objetivo era mensurar a sensibilização do empreendedorismo considerando a pré-incubação como ferramenta de educação empreendedora para alunos da instituição. Não obstante, para fins de assertividade a respeito da sensibilização, foram considerados apenas os discentes que concluíram todas as etapas do programa.

Para o ingresso na pré-incubação no Núcleo Criativa publicou-se um edital de seleção para definir os critérios de inscrição e aprovação das propostas, assim como o que ditava a classificação delas, visto que, ao final do processo seletivo composto de duas etapas, apenas quatro ideias seriam selecionadas.

O edital também ditava a respeito da formação das equipes, que poderia ser de uma a cinco pessoas, tanto membros da comunidade interna (servidores e discentes) como membros da comunidade externa em geral. Entretanto, duas das quatro vagas seriam reservadas para equipes compostas apenas pela comunidade interna, a fim de garantir que o fomento ao empreendedorismo gerado pelo programa tivesse efeito dentro da própria instituição.

A atuação do núcleo se dava tanto por capacitações gerais, como por consultorias e assessorias específicas, também dispoñdo de videoconferências com especialistas e viabilização de participação em eventos da área. Dessa forma, as equipes estruturam a validação de suas ideias, a construção de modelo de negócios, a constituição de protótipos e aprenderam como apresentar suas ideias de maneira profissional, também gravando essa apresentação para arquivo no núcleo, necessidade prevista no edital.

Das 4 equipes selecionadas, finalizaram o processo de pré-incubação 7 discentes, dos quais todos responderam o questionário. O grupo compõe-se unanimemente de discentes pertencentes ao nível técnico integrado ao ensino médio, com idade entre 15 a 17 anos.

4. Análise dos Resultados

4.1 Análise da influência da pré-incubação na intenção empreendedora

Inicialmente foi averiguado se os discentes já tinham tido contato com a área do empreendedorismo de alguma forma antes da pré-incubação, o que trouxe um resultado equilibrado visto que dentre eles 03 (três) responderam negativamente e 04 (quatro) afirmativamente. Aos que responderam afirmativamente, foi questionado o que havia sido o mediador daquele contato, sendo que, nesta questão, podiam marcar mais de uma alternativa. O resultado segue conforme dispõe o Gráfico 1:



Gráfico 1 – Por onde já havia tido contato com a área do empreendedorismo

Fonte: elaborado pelos autores, 2020.

Entretanto, embora parte deles apresente já ter tido contato com o empreendedorismo antes da pré-incubação, podemos considerar que os intermediadores desse contato, ou seja, as outras instituições de ensino, suas buscas por conta própria e a própria família, não foram suficientemente efetivas para gerar confiança ou incentivo para eles ao analisarmos os dados dispostos no Gráfico 2 a respeito de como classificavam esse conhecimento e o Gráfico 3 sobre como classificavam a vontade de conhecer mais da área, ambos considerando-se antes de participarem da pré-incubação:

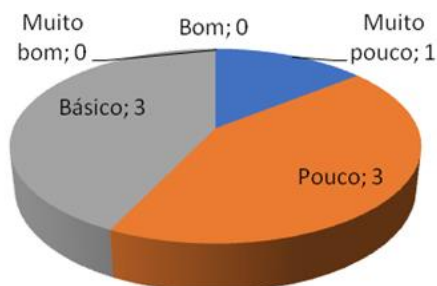


Gráfico 2 – Como classificavam o conhecimento a respeito da área antes da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores, 2020.

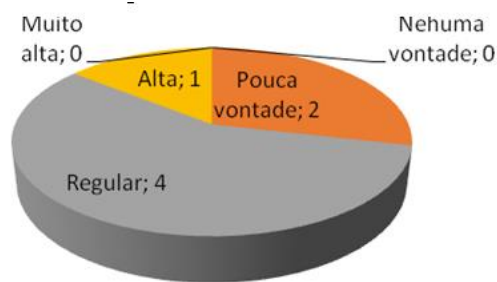


Gráfico 3 – Como classificavam a vontade de conhecer mais a área antes da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores, 2020.

Em análise aos dados, podemos constatar que nenhum deles considerava satisfatório o conhecimento da área em um nível elevado, da mesma forma, apenas um deles considerava alta a vontade de se aprofundar na área. Esses dados trazem uma análise significativa ao serem comparados com os Gráficos 4 e 5, que trazem essas mesmas indagações, entretanto, sob a ótica da visão dos discentes após participarem da pré-incubação:

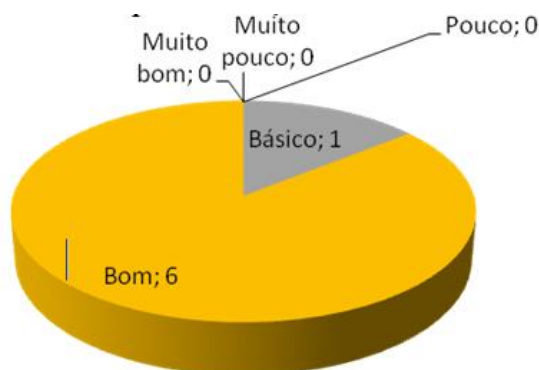


Gráfico 4 – Como classificavam o conhecimento a respeito da área depois da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores, 2020

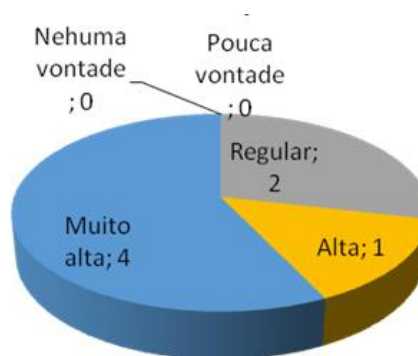


Gráfico 5 – Como classificavam a vontade de conhecer mais a área depois da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores, 2020

O Gráfico 4 apresenta um aumento expressivo na confiança dos discentes participantes do programa de pré-incubação, ao passo que a maioria passou a considerar como satisfatório o conhecimento da área. Da mesma forma, o Gráfico 5 traz resultados ainda mais positivos, uma vez que a maioria dos discentes classificou com a melhor posição (Muito alta) a vontade de se aprofundar na área após sua participação no programa.

Isso demonstra que tanto entre os estudantes que já conheciam a área de alguma forma quanto entre aqueles que nunca tinham tido contato, a participação em um programa de pré-incubação, que traz uma proposta de metodologia de ensino não tradicional através da abordagem de transformar os projetos inscritos em possíveis empreendimentos, gerou impactos positivos na confiança dos discentes em relação ao conhecimento da área e impulsionou o interesse de conhecer mais a respeito.

Após isso, a fim de mensurar a intenção empreendedora, buscou-se questionar os discentes a respeito de, estando em um curso que os prepara para o mercado de trabalho, como eles classificavam a carreira de empreendedor antes (Gráfico 6) e depois (Gráfico 7) de terem participado da pré-incubação:

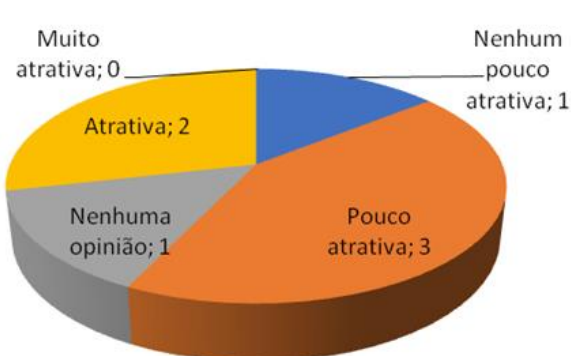


Gráfico 6 – Consideração da carreira como empreendedor antes da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores, 2020.

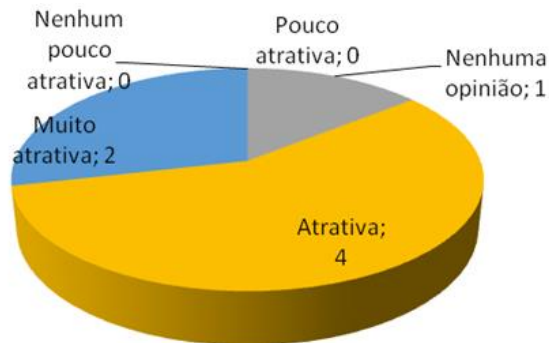


Gráfico 7 – Consideração da carreira como empreendedor depois da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores, 2020.

Comparando os dois gráficos pode-se perceber que os resultados dialogam com os dispostos nas questões anteriores, visto que, no momento em que houve o aumento da confiança dos discentes em relação ao conhecimento da área em consonância com o aumento do interesse em se aprofundar, também se observou que a grande parte deles foi influenciada positivamente ao ponto de considerarem a carreira empreendedora como atrativa ou muito atrativa, o que, conforme explícito no Gráfico 6, não era realidade antes da pré-incubação.

Esse aumento significativo na intenção empreendedora pode ser resultado do afirmado por Saes e Pita (2007) quando corroboram com o conceito de educação empreendedora enquanto ferramenta que, ao trazer o planejamento executado ou a orientação voltada à abertura de uma nova empresa, é capaz de abrandar possíveis incertezas dos alunos em relação à preocupação de obter sucesso ao estruturar um novo empreendimento.

Por fim, foi incluída uma questão dissertativa que questionava a respeito de se após terem se aprofundado mais na área do empreendedorismo, consideravam a área importante em sua formação profissional. A resposta de todos foi positiva, e entre os motivos foram destacados que a área desenvolve a capacidade de reagir a problemas de forma mais criativa, estar mais preparado em face da competitividade que o mercado exige dos profissionais, e uma das respostas, sobretudo destacou que, pretendendo atuar futuramente como psicóloga poderá aplicar o empreendedorismo como ferramenta para exercer a profissão.

4.2 Análise da influência da pré-incubação nos conhecimentos técnicos

As competências técnicas durante a pré-incubação foram mensuradas através do nível de conhecimento das ferramentas utilizadas para a entrega das atividades obrigatórias previstas no edital. Uma vez que deveriam estruturar seus projetos como possíveis empreendimentos, compreendendo os conceitos de modelagem de negócios, prototipagem e apresentação da ideia (*pitch*), foram questionados a respeito de seus conhecimentos dessas ferramentas antes e depois da pré-incubação.

Assim, os discentes foram questionados a respeito de modelagem de negócios e a ferramenta Canvas, sobre como era o nível de conhecimento deles a respeito antes (Gráfico 8) e depois (Gráfico 9) da pré-incubação:

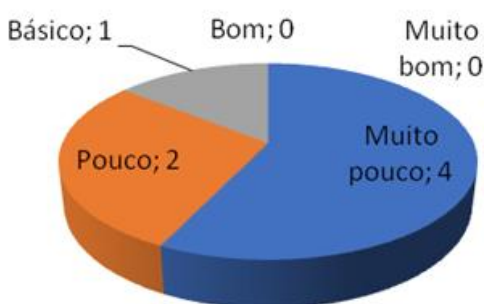


Gráfico 8 – Conhecimento de Modelagem de Negócios/Canvas antes da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores, 2020

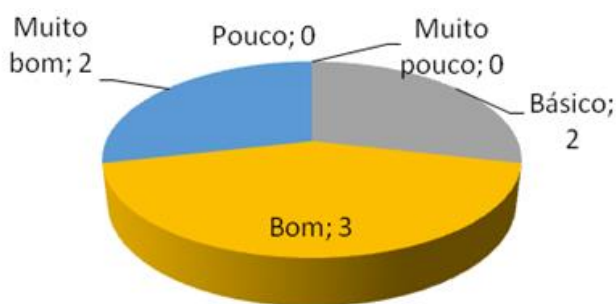


Gráfico 9 – Conhecimento de Modelagem de Negócios/Canvas depois da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores, 2020

Conforme observa-se no Gráfico 8, a maior parte deles classifica nos níveis mais baixos, ou seja “Muito pouco” e “Pouco” o conhecimento a respeito de modelagem de negócios antes da sua participação na pré-incubação. Isso demonstra uma efetividade do programa ao compararmos esses dados com o Gráfico 9, onde todos consideram que o conhecimento evoluiu para “Básico” ou acima disto, tendo a maioria avaliado como “Bom” e “Muito bom”. Isso demonstra que a pré-incubação, enquanto programa que visava estruturar possíveis empreendimentos, atua como uma boa ferramenta de capacitação, considerando a evolução no nível do conhecimento de seus participantes a respeito da área em questão.

Essa consideração é ainda mais palpável quando analisamos sob a perspectiva da etapa de Prototipagem/MVP, que, conforme apresenta o Gráfico 10, antes da pré-incubação era unanimidade entre os participantes a classificação mais baixa a respeito do conhecimento desta área, enquanto no Gráfico 11, que traz essa mesma perspectiva de análise após a pré-incubação, todos apresentaram evolução e a maioria colocou-se como no nível “Básico” ou superior.

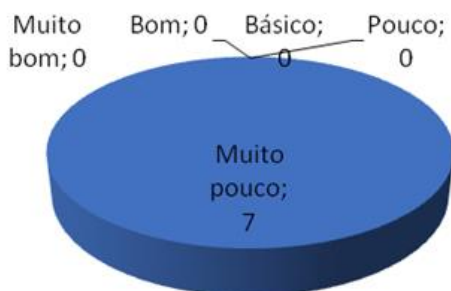


Gráfico 10 – Conhecimento de Prototipagem/MVP antes da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores, 2020

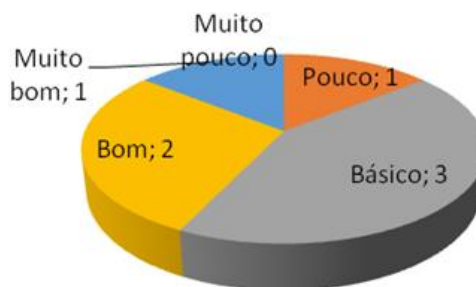


Gráfico 11 – Conhecimento de Prototipagem/MVP depois da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores, 2020

Mesmo considerando o progresso expressivo, a análise dos Gráficos 10 e 11 mostra que foi uma etapa p assível de aprimoramento, visto que, embora tenha havido avanços em relação a como estavam antes de participar do programa, ainda há uma grade adesão dos entrevistados na consideração de nível de conhecimento como “Básico”, e, sobretudo, uma classificação como “Pouco”. Assim, embora a evolução seja perceptível, faz-se possível uma análise de como a metodologia utilizada ou a forma de apresentação desse conhecimento técnico deixou de influir no aprimoramento dos discentes.

A última das ferramentas se referia ao Pitch, que conforme apresenta o Gráfico 12, a grande maioria dos discentes também possuía conhecimento mínimo a respeito. Nesse quesito, a pré-incubação mostrou-se mais uma vez eficaz na evolução dos participantes, tendo havido uma considerável evolução em seu nível de conhecimento, conforme apontado no Gráfico 13.



Gráfico 12 – Conhecimento de Pitch antes da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores, 2020

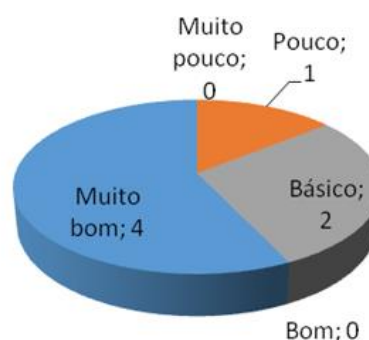


Gráfico 13 – Conhecimento de Pitch depois da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores, 2020

Como proposta de intensificar uma análise a respeito das competências técnicas providas através da utilização das ferramentas propostas na pré-incubação, foi ainda acrescentada uma questão dissertativa a fim de constatar se consideravam que o conhecimento dessas ferramentas influenciaria o comportamento dos participantes ao ingressarem no mercado de trabalho. As respostas foram unanimemente afirmativas, onde consideraram que as competências adquiridas agora os atentavam para a necessidade de inovação em qualquer setor que viessem a trabalhar, também aumentando a confiança frente ao mercado de trabalho, conforme afirmado:

Conhecendo as ferramentas de empreendedorismo e trabalhando com elas tive que, em diversos momentos, forçar minha criatividade e pensar na maneira como apresento algo para ser “comprado”, assim me sinto mais segura para lidar com o mercado de trabalho (Entrevistado, 2020).

Em conclusão a esta análise pode-se perceber que a abordagem prática da pré-incubação é satisfatória em promover a assimilação de conhecimentos e competências técnicas através do uso das ferramentas propostas durante o programa, visto que, através da proposta de estruturação de empreendimentos eles obtiveram avanços expressivos nos conhecimentos a respeito dessas ferramentas.

4.3 Análise da influência da pré-incubação em resultados tangíveis

Nessa etapa, a intenção era avaliar se, em um aspecto prático, os participantes começaram a se considerar aptos para abrir um empreendimento por conta própria, visando

assim, gerar dados que possibilitassem uma análise de um impacto da transformação da intenção empreendedora em um caminho para resultados tangíveis.

Assim, conforme apresenta o Gráfico 14, quando questionados a respeito de como se encontravam suas percepções a respeito da capacidade de dar os primeiros passos para abrir um negócio antes da pré-incubação, a maioria deles apontava para uma baixa compreensão de como iniciar um empreendimento. Nesse sentido, entende-se que a pré-incubação foi uma forma eficaz de orientá-los a respeito desses procedimentos iniciais quando, ao compararmos os dados com o Gráfico 15, temos a maioria classificando a percepção após a pré-incubação entre “Boa” e “Muito Boa” e, apesar de uma parcela se considerar com a percepção “Básica”, nenhum deles classificou como “Muito pouca” ou “Pouca”, que eram maioria antes da participação no programa.

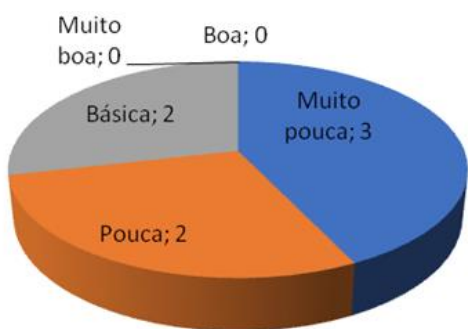


Gráfico 14 – Percepção sobre os primeiros passos para abertura de um negócio antes da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores, 2020

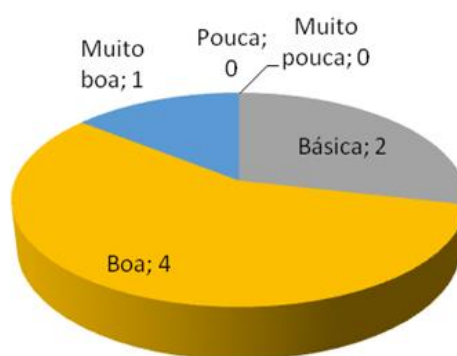


Gráfico 15 – Percepção sobre os primeiros passos para abertura de um negócio depois da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores, 2020

Assim, podemos compreender que o programa de pré-incubação é uma ferramenta importante ao passo que sua proposta, enquanto sendo especificamente para negócios em fases iniciais ou em fase de serem apenas ideias, segundo análise dos dados, consegue construir em seus participantes uma evolução na forma como compreendem as necessidades iniciais para a abertura de um empreendimento.

Por fim, foram questionados em que nível se consideravam preparados para abrir o próprio negócio, tanto antes quando depois da pré-incubação. Conforme Gráfico 16, antes da pré-incubação a grande maioria apontou a menor classificação de preparo, observando-se uma expressiva evolução ao compararmos com o Gráfico 17, que trazia essa mesma mensuração considerando depois da pré-incubação.



Gráfico 16 – Consideração do preparo para abrir um negócio antes da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores

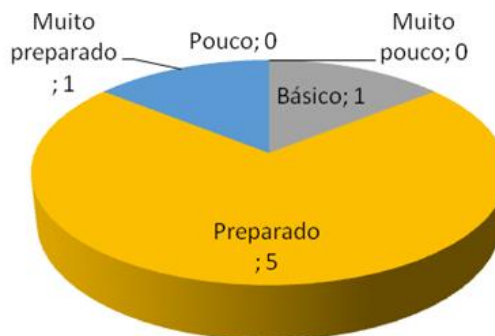


Gráfico 17 – Consideração do preparo para abrir um negócio depois da pré-incubação

Fonte: elaborado pelos autores

Dessa forma, pode-se apontar o programa de pré-incubação como forte impulsionador de resultados tangíveis ao passo que, além de influenciar positivamente na intenção empreendedora como evidenciado anteriormente, é capaz de afetar a percepção dos discentes a respeito de sua própria capacidade de abrir um empreendimento.

Isso mostra que a metodologia prática da pré-incubação acaba sendo uma capacitação eficaz ao proporcionar conhecimentos que são capazes de fazer com que o discente se sinta seguro, caso queira continuar com o modelo de negócio com o qual trabalhou durante o programa, podendo assim, se tornar um resultado tangível na forma de possível empreendimento.

5 Considerações Finais

Esse estudo evidenciou que o programa de pré-incubação foi forte impulsionador na sensibilização dos alunos pela área do empreendedorismo, tanto através do aumento de sua confiança e intenção empreendedora como pelo aumento do interesse pela área, além de maior evolução dos conhecimentos e competências técnicas para a percepção e preparo sobre iniciar um empreendimento.

Pode-se observar que os discentes adquiriram amplo conhecimento a respeito da área, sobretudo suas variáveis que incluem o mercado de trabalho, a sociedade, e como o que aprenderam pode influenciar em suas carreiras profissionais, mesmo que não se tornem empreendedores no sentido de abrir o próprio negócio.

Assim, notou-se que conforme aumentaram seus conhecimentos e competências técnicas através das ferramentas utilizadas para as atividades de criação de seus modelos de negócio, construiu-se nos discentes uma clareza a respeito do empreendedorismo. Isso demonstra que a abordagem prática proposta pelo programa tem um potencial não apenas pedagógico, ao passo que os capacita para atuar na área, como também estimulante enquanto os influencia em seguir procurando mais a respeito ou até mesmo atuando como empreendedores.

Em futuras pesquisas recomenda-se acompanhar o grupo, até mesmo como egressos, para aferir a efetiva aplicação dos conhecimentos adquiridos em novos empreendimentos ou mesmo como empreendedores corporativos (intraempreendedores). Além disso, pesquisar em outros grupos do mesmo instituto para comparar os resultados.

REFERÊNCIAS

AKÇOMAK, Semih. **Incubators as Tools for Entrepreneurship Promotion in Developing Countries**. United Nations University - Maastricht Economic and Social Research Institute on Innovation and Technology (MERIT) Working Paper Series, 2009-54, p. 001-042, 2009.

ARAUJO, Maria Goretti Falcão de. **Avaliação da Gestão das Atividades Inovativas no âmbito das Incubadoras de Empresas em Manaus – AM**. 2013. 136 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção área de concentração Gestão de Operações e Serviços) – Universidade federal do Amazonas, Manaus, 2013.

ASCHER, Jacques. Female Entrepreneurship – An Appropriate Response to Gender Discrimination. **Journal of Entrepreneurship, Management and Innovation (JEMI)**, v. 8,

ed. 4, p. 097-114, 2012.

ATIVA, 2019. **Histórico Ativa Incubadora de Empresas do IFMT**. Disponível em: <<http://ativa.ifmt.edu.br/hsitorico>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

BAKAR, Rosni; ISLAM, Md. Aminul; LEE, Jocelyne. Entrepreneurship Education: Experiences in Selected Countries. **International Education Studies**, v. 8. p. 88-99, 2014.

BUENO, Jefferson Reis. 2019. **Mas afinal, o que é empreendedorismo?** Disponível em: <<https://blog.sebrae-sc.com.br/o-que-e-empendedorismo/>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

CUERVO, Álvaro; RIBEIRO, Domingo; ROIG, Salvador. **Entrepreneurship: Concepts, Theory and Perspective**. Ed. 1. Springer-Verlag Berlin Heidelberg, 2007.

CUNHA, Caroline Valquiria Moura da; SILVA, Mayara Vieira da; YAMAGUCHI, Nathalia Midori. **Empreendedorismo: Histórias que motivam, despertam e encantam**. Anuário da Produção Acadêmica Docente, v. 5, n. 12, p. 165-182, 2011.

DE PAULA, Helton Cristian; STARLING, Debora Borlido; NASCIMENTO, Juliana Fontes; BARBOSA, Francisco Vidal. Mensuração da Inovação de Empresas de Base Tecnológica. INMR. **Innovation & Management Review**, v. 12, n. 4, p. 232-253, 2015.

FERREIRA, Maria Carolina Zanini; TEIXEIRA, Clarissa Stefani. Pré-incubadora: definição e processo. In: **Habitats de Inovação: conceito e prática**, Organizadoras: Ágatha Depiné, Clarissa Stefani Teixeira, v. 1, p. 225-235. São Paulo: Perse, 2018.

FIALA, Nathalia, ANDREASSI, Tales. As Incubadoras como ambientes de aprendizagem do empreendedorismo. **Administração: Ensino e Pesquisa** [online]. 2013, v. 14, n. 4, p. 759-783, 2013.

FRANCISCO BAGGIO, Adelar; KNEBEL BAGGIO, Daniel. Empreendedorismo: Conceitos e definições. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 25-38, jan. 2015.

FURTADO, Nívea. 2017. **Incubadoras: Empreendedores transformam ideias inovadoras em negócios de sucesso**. Disponível em: <<http://portal.conif.org.br/en/component/content/article/84-ultimas-noticias/1200-incubadoras-empreendedores-transformam-ideias-inovadoras-em-negocios-de-sucesso?Itemid=620>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HENRIQUE, Daniel Christian; CUNHA, Sieglinde Kindl da. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. RAM, **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 9, n. 5, p. 112-136, 2008.

IACONO, Antonio; NAGANO, Marcelo Seido. Pós-incubação de empresas de base

tecnológica: um estudo de caso sobre o efeito da incubadora nos padrões de crescimento. **Gestão & Produção**, São Carlos, v. 24, n. 3, p. 570-581, 2017.

IFMT. 2020. **O que é Incubadora de Empresas?** Disponível em: <<http://proex.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/o-que-e-incubadora-de-empresas/>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

LIBERATO, Antonio Carlos Teixeira. 2007. **Empreendedorismo na escola pública: Despertando competências, promovendo a esperança!** Disponível em: <[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/3CBF34B0D06A6941832572B1006F3722/\\$File/NT00035112.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/3CBF34B0D06A6941832572B1006F3722/$File/NT00035112.pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2020.

LIÑÁN, Francisco; CHEN, Yi-Wen. Development and Cross-Cultural Application of A Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33. p. 593-617, 2009.

MARTINS, Guilherme Silveira; XAVIER, Wesley Silva, LIMA, Afonso Augusto Teixeira de Freitas de Carvalho, OLIVEIRA, Adriel Rodrigues de, GAVA, Rodrigo. A interação universidade/empresa nas Incubadoras de Empresas de Base Tecnológica de Minas Gerais. In: Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica, 24. **Anais...**, Gramado, Rio Grande do Sul, 2006.

MAKUKENDI, Joel Tshibamba; RADAELLI, Adrieli Alves Pereira; PANIZZON, Mateus; DAL BÓ, Giancarlo; DORION, Eric Charles Henri. Ambientes de empreendedorismo: Incubadora de empresas e coworking space, uma investigação das suas convergências e divergências. **Empreendedorismo, Gestão e Negócios**, São Paulo, v. 8, n. 8, p. 153-172, 2019.

NOBRE, Elizomar de Assis; COSTA, Raquel Priscyla da Silva; EL-AOUAR, Walid Abbas; BARRETO, Laís Karla da Silva; SOUZA, Lieda Amaral de. Capacidade de inovação nas empresas incubadas. **HOLOS**, Rio Grande do Norte, Natal, vol. 3, p. 198-217, 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ermani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed., Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Ricardo de Lima; OLIVEIRA, Edson Aparecida de Araujo Querido; ARAUJO, Elvira Aparecida Simões de. A contribuição das instituições de ensino superior para a educação empreendedora. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 10, n. 3 (número especial), p. 295-313, 2014.

ROCHA, Estevão Lima de Carvalho; FREITAS Ana Augusta Ferreira. Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, art. 5, p. 465-486, 2014.

RUSU, Sergiu; ISAC, Florin; CURETEANU, Radu; CSORBA, Luiela. Entrepreneurship and entrepreneur: A review of literature concepts. **African Journal of Business Management**, v. 6, n. 10, p. 3570-2575, 2012.

SAES, Danilo Xavier; PITA, Fábio Henrique Soares. **Empreendedorismo no Ensino**

Superior: Uma abordagem teórica. Maringá Management: **Revista de Ciências Empresariais**, v. 4, n. 2, - p. 33-41, 2007.

SOUSA, Maria das Graças Bastos; OLIVEIRA, Edson Aparecida de Araújo Querido. Fatores de Sucesso de uma incubadora de empresas: Um estudo nas incubadoras do estado do Tocantins. **Revista Cereus**, v. 4, n. 3, 2012.

SILVA, Júlio Fernando da; PENA, Roberto Patrus Mundim. O “Bê-Á-Bá” do Ensino em Empreendedorismo: Uma Revisão da Literatura sobre os Métodos e Práticas da Educação Empreendedora. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 2, p. 372-401, 2017.

TEIXEIRA, Milena Maredmi; SOUZA, Rayse Kiane de; TEIXEIRA, Clarissa Stefani. O Papel da Pré-Incubadora Universitária. In: Congresso Nacional de Inovação e Tecnologia 4. INOVA 2019, **Anais...**, São Bento do Sul, Santa Catarina, p. 1-11, 2019.

TURCHIELO, R. DE G.; OLIVEIRA, L. DE; DALONGARO, R. C. FORMAÇÃO EMPREENDEDORA: PERCEPÇÃO DO PERFIL EMPREENDEDOR DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO. **Vivências**, v. 15, n. 28, p. 255-267, 15 jun. 2019.

VALENCIANO SENTANIN, Luis Henrique; BARBOZA, Reginaldo José. Conceitos de Empreendedorismo. **Revista Científica Eletrônica de Administração**, Ano V, n. 9, sem., p. 01-09, 2005.

VEDOVELLO, Conceição. Perspectivas e Limites da Interação entre Universidades e MPMEs de Base Tecnológica Localizadas em Incubadoras de Empresas. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p 281-316, 2001.

VILLELA, T.N.; MAGACHO, L.A.M. Abordagem histórica do Sistema Nacional de Inovação e o papel das Incubadoras de Empresas na interação entre agentes deste sistema. **Locus Científico**, V. 03, n. 01, p. 13-21, 2009.

YUSOFF, Mohd Nor Hakim Bin; ZAINOL, Fakhrol Anwar; IBRAHIM, Mohamed Dahlan Bin. Entrepreneurship Education in Malaysia’s Public Institutions of Higher Learning – A Review of the Current Practices. **International Education Studies**; Vol. 8, No. 1; 2015.

ZALUSKI, Patrícia. **O papel das Incubadoras de empresas no desenvolvimento de projetos inovadores em Universidades.** 2014. Disponível em: <<https://administradores.com.br/artigos/o-papel-das-incubadoras-de-empresas-no-desenvolvimento-de-projetos-inovadores-em-universidades>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

ZREEN, A.; FARRUK, M.; NAZAR, N. KHALID, R. The Role of Internship and Business Incubation Programs in Forming Entrepreneurial Intentions: an Empirical Analysis from Pakistan. **Sciend**, V. 24. n. 02, p. 97–113, 2019.